

O PHAROL TRANSMONTANO.

PERIODICO MENSAL

DE

INSTRUÇÃO E RECREIO.

N.º 3.

AGRICULTURA (*).

Na ordem das plantas fructíferas do Paiz, occupa o primeiro lugar a oliveira, tanto pelo modo admiravel como vegeta e prospêra em as nossas localidades, como pela extensão do consumo, e valor dos productos da sua industria respectiva; é justamente a este preço elevado que temos devido a exportação dos nossos azeites, apesar dos obstaculos resultantes do pezo e do volume do genero, e da nossa posição excepcional; inconvenientes que, a não ser aquella circumstancia, condemnariam o mais importante ramo do nosso commercio á mesma sorte dos vinhos.

Porém neste lugar temos sobretudo a deplorar uma terrivel catastrophe, que ha menos de dois annos reduzio a lenhos denegridos parte dos mais solidos elementos da prosperidade da Provincia, deixando impressas por toda a parte recordações bem tristes, que só com o tempo poderão desvanecer-se.

Sem duvida, nada ha que a oliveira sinta mais do que os effeitos do intenso frio dos gelos, e muito particularmente as consequencias do acto da descongellação, quando esta se opêra rapida e instantaneamente.

A agoa, quando gela, augmenta sensivelmente em volume, e a sua força expansiva no estado de solido chega a espedaçar os metaes, a levantar massas de rochedos, &c.:

a seiva congelada não pôde deixar de produzir effeitos analogos, o que explica completamente a origem das *incisões longitudinaes* que se observaram na casca dos ramos da oliveira, principalmente nos mais tenros, e o que ainda mais se confirma com a distensão que tivemos occasião de notar nos dois labios do golpe ou incisão referida, deprehendendo-se bem a causa mecanica que a occasionara.

Comtudo, os estragos mais consideraveis foram os que tiveram lugar no acto do derretimento do gelo, provavelmente em razão da diminuição rapida de grande quantidade de calorico que o mesmo gelo subtrahio á planta para reverter ao estado de liquido, o que é tanto mais de presumir attento o modo como affectou a parte da arvore exposta ao nascente, e que recebeu os raios solares nos intervalos em que o neveiro desaparecia.

Em fim, o proprio pezo do gelo aglomerado, fazendo curvar e abater es ramos que não poderam supporta-lo por mais tempo, contribuiu não pouco para os desastrosissimos effeitos que presenciámos.

Observaremos todav'a que os prejuizos foram sempre de maior consideração nos seguintes casos: 1.º nas oliveiras mais alu-

(*) Veja-se a pag. 17 deste Jornal.

dantes em seiva, por sua natureza, como se verifica em algumas espécies; 2.º nas que artificialmente estavam no mesmo caso, por continuadas applicações de copiosos estrumes; 3.º naquellas que tinham dado avultada colheita em o anno antecedente, e pelo mesmo principio.

Já tivemos occasião de referir em o nosso primeiro numero, que aquella arvore benefica — para nos servirmos do epitheto de Dalla-Bella — se encontra ao sul e ao norte no Districto, em consequencia da disposição do Paiz, que concorre para que n'uma mesma localidade apareçam muitas vezes temperaturas diversas, e extremas, ocasionadas pela existencia ou não existencia dos abrigos, e pelas circumstancias da cor dos terrenos, da exposição, da reflexão dos raios solares, &c.; com a notavel differença, de que ao meio dia, verdadeira região da oliveira, os annos de copiozissima producção, ou de *safra* como lá se diz, são seguidas de colheitas completamente estereis, o que não se observa, á medida que dos climas quentes se passa para os septentrionaes, cuja producção regular, em quasi todos os annos, não se affasta muito do termo medio das colheitas meridionaes. Varias são as causas que se tem buscado, para com o seu auxilio esclarecer esta especie de tendencia da oliveira á fructificação alterna, que chamou a attenção tanto dos antigos, como dos modernos agronomos. Nós veremos, quando nos occuparmos com os melhoramentos que demanda esta excellente cultura, que de todos os fundamentos a que se tem querido attribuir esta singularidade, o unico que talvez a explica convenientemente é o que se faz consistir no mesmo facto da arvore se cobrir de fructo em demasia; a seiva neste caso toma uma direcção particular e exclusiva, em prejuizo dos novos lançamentos, e dos *gomos* ou botões das flores que deveriam produzir a seguinte colheita, mas que não podem desenvolver-se senão em ponto mui limitado; pelo contrario, nas localidades que observam uma temperatura mais regular, e onde a oliveira não produz em tanto excesso, a seiva proporciona-se melhor ás diversas necessidades da planta, o equilibrio não se

transtorna nem se perturba, a fructificação não offerece aquellas anomalias, e a arvore permanece quasi sempre no seu estado normal.

A amoreira, em attenção ao valioso insecto que alimenta, é no seu tanto a arvore mais rica que possui o nosso Districto.

Á falta de statisticas agricolas, de que absolutamente carecemos, e das quaes aliás tão bons resultados estão colhendo os Povos que se tem dado a este importante trabalho, limitar-nos-hemos a asseverar em presenca dos poucos dados que temos presentes, que o Districto produz actualmte, e por termo medio, 23 a 24 mil arrateis de seda, e que este interessante ramo de industria deixa, em annos regulares, ao agricultor, que cria o *casulo*, e o manda fiar por sua conta, nada menos que o beneficio de 50 a 60 por cento; mas como neste serviço se occupam principalmente as mulheres e crianças, e não seria difficil aos criadores o terem de propria lavra a folha de amoreira precisa *sem augmento de despeza nem sacrificio de cabedaes*, é evidente que quasi todo o producto bruto poderia converter-se em completo proveito para a nossa cultura pequena e intermedia, onde, como dissemos em o numero precedente, uma ou outra vez por acaso se recorre a obreiros estranhos á familia.

Bem que o logar não seja o mais proprio, e com quanto nos affastemos algum tanto do nosso objecto principal, diremos duas palavras sobre a historia da nossa industria sericola, e aproveitaremos a occasião para dar noticia aos nossos agricultores de algumas *paginas velhas*, que nem todos terão a oportunidade de procurar, e ainda menos *paciencia* para as lèr.

A cultura da amoreira, como *planta industrial*, e a criação do bicho da seda, datam, em a nossa Provincia, do seculo 15.º

Eis-ahi tem os nossos agricultores um documento, que por certo não desestimarão: é o Capitulo 25.º dos mysticos das Côrtes de Coimbra e Evora, celebradas pelo Senhor D. Alfonso 5.º nos annos de 1472, e 1473.

« Senhor ouvestes por emformação que a principall cossa porque o Reyno de Graada era Riquo asy, era por a seda que se em

elle criava, e lavrava, e que achaveis que estes vossos Reynos são mais Naturaes pera se em elles criar, e lavar seda como jaa cria. Em lamego e tras os montes, e em outras partes dessa comarca. E porem Senhor mandastes per as comarcas cartas porque todos vezinhos e moradores delas possuem vinte pees de moreiras, ou as emxertassem em figeiras pera se abrir caminho como se podese aver em abastança as folhas das ditas amoreiras pera criação desses bichos, e asy se fazer, clavrar muita seda, Senhor não se pos em Obra, Seja vossa merce que mandeis jeralmente em todos vossos Regnos dar bem a eixecuçam voso mandado mandando cartas a todos vossos Corregedores, e Cuidores dos fidalgos omde Corregedores não emtrão que o fação loguo comprir com alguma pena porque Senhor parece cousa muito proveitosa, e que a estes Reynos trazirá homrra e Riqueza.»

Resposta.

«Responde ElRey que per a Ordenaçam do Reinno he provido de como se esto aja de fazer aquall manda que se guarde, e hindo alguma pessoa que obrigaçam tenha de a guardar contra ella, hou a não comprindo sendo requerido tomem estromento com resposta, e ElRey o estrannhará quanto rezam seja.»

«Oxalá que tão louvavel emulação como fazia em Portugal, ha pouco menos de 400 annos, a opulencia dos Mouros de Gránada, podesse hoje reviver á vista dos progressivos aperfeiçoamentos da industria sericola moderna, mormente em alguns Povos, que nos deveriam servir de exemplo e modelo!

Até 1549 devia aquella cultura ter prosperado em Bragança, por quanto em um dos antigos livros de registro da Camara respectiva existe um alvará dado em Villaviçosa a 19 de Julho do referido anno, pelo qual o Duque D. Theodosio ordenava, que os moradores de Bragança e seu termo fossem constrangidos a vender toda a seda, fiada ou em casulo, que tivessem aos officiaes dos theares de seda da dita cidade, pelo tanto que os de fóra dessem por ella; visto serem

os theares uma das cousas que mais ennobreciam a cidade.

Em 1581 fabricavam-se alli sedas, veludes, tafetás, retrozes, &c., segundo se vê de uns apontamentos para Capitulos dos Procuradores ás Côrtes, que a Camara de Bragança tinha colligido naquelle anno, e nos quaes se requeria que aquellas obras podessem transitar pelo Reino livres de direitos.

Durante o governo dos Filippes, é bom de ajuisar qual seria a sorte daquella industria. Com effeito em 1586 já a fabrica das sedas se achava em extrema decadencia, e os theares reduzidos á metade do numero a que tinham chegado; ao que debalde procuravam acodir os Duques.

Depois disto, parece que a manufactura das sedas se arruinou completamente, e chegou a perder-se de todo. Só em 1676 começam a apparecer novas providencias geraes, sobre a plantação das amoreiras, e mandando pagar a folha de cada uma a 500 réis, por se ter introduzido de novo no Reino a fabrica das sedas, &c.

Em quanto ás épocas de progresso e melhoramento, ou de atraso e decadencia, que posteriormente se seguiram, para as fabricas do Districto, e especialmente para o filatorio de Chacim e para o methodo de fição á Piamonteza, são ellas bem conhecidas de nossos agricultores, e por isso as deixamos em silencio.

São diversos os inconvenientes a que está sujeita a creação dos bichos da seda em o Districto, e que obstem mais ou menos ao seu desenvolvimento.

A estação do inverno, genericamente falando, é rigorosa em o nosso Paiz, como é de suppor, attenta a disposição do solo, em grande parte montuoso e elevado, e ao mesmo tempo dominado por grandes serras: o terreno tarda em recuperar o calorico irradiado durante as noites daquella estação, a temperatura permanece baixa por toda a primavera, e o ar atmosferico move-se de continuo, e sem regularidade em suas correntes. A esta serie de causas meteorologicas, e juntamente á mingoa de conhecimentos e de meios artificiaes para favorecer e apressar o desenvolvimento dos bichos, é

que se deve o prolongarem-se algumas vezes demasiadamente as criações, desde a incubação das sementes até a formação dos casulos; o que faz com que os insectos, que poderam resistir ás intemperies da atmosphera, sejam em alguns annos sufocados depois pelòs chamados *tufos*, occasionados pelos calores do estio em razão do equilibrio de temperatura entre o ar exterior e interior dos edificios; ao que devemos acrescentar pela mesma occasião, os effeitos funestos do desenvolvimento do gaz acido carbonico, e dos miasmas deleterios, resultantes da fermentação das folhas verdes, &c.

Além disto, como o termo da criação dos bichos se estende mais ou menos, segundo o curso das respectivas estações meteorologicas, a época justamente a mais laboriosa daquella tarefa, que é a em que o insecto apresenta o seu *apetite devorador*, vai coincidir e misturar-se em algumas localidades, particularmente na parte septentrional do Districto, com os trabalhos da ceifa dos fenos e da colheita dos cereaes, para cujos serviços ainda todos os braços são poucos. E com effeito não ignoram nossos leitores, que este *encontro* de culturas diversas é um obstaculo mui real e positivo ao desenvolvimento em maior escala da nossa industria sericola, em quanto lhe estabelece e fixa os seus *limites agricolas*.

Não deixaremos de mencionar tambem os inevitaveis resultados que é forçado attribuir ao uso que geralmente se faz da amoreira negra: a *multicaule* ou das *Philippinas* é inteiramente desconhecida; e a *branca* aproveita-se apenas em uma ou outra localidade. Observaremos mesmo, que das primeiras se sentè já uma falta bèm consideravel, particularmente em annos favoraveis para criações um pouco mais copiosas, em as quaes se vai procurar a folha a grandes distancias, e por preços exorbitantes. Causas estas, que não podem deixar de influir mui desvantajosamente tanto sobre a quantidade, como sobre a qualidade do casulo.

A. J.

Um brado a favor da multiplicação das arvores.

Quando nós deviamos cuidar da multiplicação das arvores com o maior disveley, por conhecermos as utilidades que ellas prestam á nossa economia, que observamos por esses campos? Propagar-se um furor destruidor contra ellas. — Cortamos as arvores que nossos avós plantaram; mas a nossa indolencia não nos permite, que as substituíamos por outras.

A existencia das arvores em geral embelesa tanto o meu espirito, que não posso deixar de dizer duas palavras contra a mania destruidora que amiaça aniquila-las: — mostrarei, em summa, as suas conveniencias materiaes e moraes.

Conveniencias materiaes das arvores. — As arvores fructiferas são, sem contradicta, o mais solido manancial da riqueza d'esta Provincia; e das infructiferas que de lucros não auferimos? Fornecem-nos madeiras para a construção de nossos edificios: moveis indispensaveis para os usos da vida, e lenhas para o lume, que tambem são, no nosso Paiz, um objecto de primeira necessidade: conservam com a tenacidade de suas raizes, a firmeza dos terrenos, contra a violencia das correntes: com a frescura que exala a vegetação, attrahem as chuvas que fertilisam as terras: as folhas despegando-se e caindo aos pés das arvores, formam uma camada de humus, que vai adubar os terrenos inferiores: com a sombra dos ramos deffendem os rebanhos durante o estio, dos rigores da canicula; e durante o inverno, abrigam-os dos ventos frigididos do norte: as estradas orladas de arvores, tornam mais suaves os rigores da viagem: finalmente, no meio da ramagem d'uma devesa, respira-se o ar mais puro e saudavel, á medida que no tornado arial, ou no paúl miasmatico, se respira o ar mais pestilente. — Á vista pois da consideração de tantas utilidades reaes que as arvores nos offerecem, como haverá quem se atreva a corta-las, sem cuidar em substituí-las por outras?! — Não cortes uma arvore sem ter antes plantado duas, diz *Rosier*.

Na estrada de Mirandella, v. g., junto de Carvalhais andava-se grande espaço por entre dois renques de grandes choupos, mas quasi todos tem morrido debaixo do gume do machado sem deixar successão. Nossos avós plantaram, nós destruimos, e para nossos filhos nada transmittiremos, mais que o jus a proferirem um anathema sobre as nossas cinzas, de egoistas!

Arvores ha, cuja despeza da plantaçõ é quasi nulla, e grande a utilidade que prestam; — um só homem, v. g., munido de um ferro de bacellar, pôde em um dia, plantar, junto da corrente de uma ribeira, centos de choupos, que deixados á descripção da natureza, podem valer em poucos annos centos de mil réis! — Oliveas novos são rarissimos os que se encontram; só se veem arvores seculares de troncos esburacados e cobertos do musgo dos annos. — Alguem dirá — as oliveiras na nossa Provincia, só medram em terrenos baixos e fortes, e estes não podem ser todos applicados áquella cultura, porque tambem a cultura do trigo, serodio, hortaliça, &c., os reclama — não é assim; — ha muitas e muitas encostas cobertas de mata brava, que pela qualidade do terreno, mui bem produziram oliveiras, e a razão de as não vermos desbravadas, e plantadas, não é outra, senão, a nossa incuria e desmazelo. Ha na nossa Provincia, grande abundancia de uma especie de arvores, que antigamente apenas davam um escasso lucro, mas hoje tem este augmentado de um modo prodigioso; e vem a ser os sovereiros. Esse facto que eu deixei apontado na Revista Universal tem tido um grande incremento: — a procura da cortiça é cada vez mais energica, já se vende a arroba a 240 réis, e isto apenas separada do lenho: — devemos portanto dar a esta arvore, toda a consideração devida aos lucros que nos está offerecendo.

Olhando-se para a decadencia e desprezo em que se achá a agricultura em geral, observa-se um quadro assustador. A tendencia para as industrias fabril e commercial, o procurar o exercicio das faculdades intellectuaes, com a simples mira no lucro; o deliciar-se a todo o custo, um emprego na

Administração do Estado, fugindo sempre de trabalhar na terra, fonte pura, verdadeira, e na sua origem unica da prosperidade dos povos; eis o que nos dita o espirito do nosso seculo; e aonde nos conduzirá este delirio?

Um dos dogmas da religião dos Magos, diz Filangier, aconselhava-lhe; que a acção mais agradavel á Divindade, era — produzir um semelhante, cultivar um campo, ou plantar uma arvore. Philosopho era sem duvida o author d'aquella religião. Na nossa Legislação patria, e nas posturas de muitas Camaras Municipaes se encontram medidas preceptivas e coherctivas tendentes a promover a multiplicação das arvores. O conhecimento da conveniencia, e não o medo, é o grande estímulo que obriga o homem a trabalhar: em os povos estando persuadidos do proveito que devem tirar de um methodo de cultura, hão de infallivelmente abraça-lo sem necessidade de coacção. Ninguém interessa mais no bem estar da individualidade de qualquer homem do que elle proprio. Instruam-se os homens e deixam-se obrar.

Considerações moraes. — Deixemos as considerações poeticas e mythologicas que andam ligadas ás arvores, deixemos o Brachmane, o Mago, o Gymnosofeito, e Druide pronunciando os oraculos no interior de suas montanhas santas, debaixo dos castanheiros sagrados, como diz Chateaubriand, deixemos todos esses objectos que tanto encantam o espirito do philosopho historiador; desçamos a uma consideração mais positiva, e observemos o mistico influxo que a perspectiva de um arvoredo exerce sobre o nosso espirito.

Como não é arrebatadora, insinuante e religiosa a vista de uma floresta no tempo da vegetação e florescencia! É muito mais quando se opera o mysterioso phenomeno da fecundação das flores! — Essas sensações vivas e profundas executam-se no fundo do nosso coração, mas as idéas que formamos são tão confuzas, que não as podemos exprimir nem definir; esse dom apenas o concede Deos ao mavioso Saint-Pierre, e ao religioso Chateaubriand: aquelle nas suas

harmonias das plantas, e este no seu genio do Christianismo foram divinamente inspirados.

—Chateaubriand collocado no centro das florestas virgens do novo mundo, junto da catarata do Niagara embelesado na vista dos dêzertôs, manifesta ao coração com a eloquencia mais sublime, quanto tem de magestoso a prespectiva das montanhas, e acaba dizendo:—La grandeur e l'etonnante melancolie de ce tableau, ne sauraient s'exprimer dans les langues humaines. Gen. do Christ. L.º 5.º Cap. 12.

20. Promovamos a cultura e plantação das arvores tanto fructiferas como infructiferas, visto que por tantos motivos, e debaixo de tantas considerações se tornam credoras das nossas attencões e do nosso culto. — Leopold José, Grão Duque de Toscana, o protector e restaurador da agricultura d'aquelle Paiz, prohibio o arrotear e cultivar os cumes das montanhas até uma certa altura, a fim de obstar á destruição total das arvores, sejamos tão prudentes como os Toscanos.

21. Vimieiro, 20 de Setembro de 1845.

A. Mauricio Cabral.

Antidotos dos alcalis vegetaes.

20. As repetidas experiencias do Sr. Donne em França mostraram, que as combinações dos alcalis vegetaes, como a Brucina, Morphina, e Strychnina com o Iodo, Bromo, e Chloro não exerciam acção alguma nociva sobre os animaes. Estas observações fizeram que fossem administradas em França nos casos d'envenenamento por alguma d'aquellas substancias as soluções alcoolicas d'Iodo, Bromo, e Chloro, e observou-se com effeito, que não sobrevinha mais accidente algum ao animal quando estas preparações seguiam immediatamente a ingestão do veneno no estomago. Porém estes antidotos deverão ser administrados por praticos, que scientes das substancias que administram, e do veneno introduzido no estomago, possam ainda dar vida áquelle, que estava proximo a soffrer o terrivel golpe da morte; e nunca per pes-

soas ignorantes ou charlatães, que em tudo nescios vão dar a morte a quem talvez ainda podesse viver.

Sómente o zêlo da sciencia, e o interesse no salvamento da humanidade, que pôde acidentalmente ser victima por algum descuido, ou por outro qualquer motivo, nos animaram a dar maior publicidade ao que precede.

Bragança, 2 de Setembro de 1845.

J. A. Martins.

Processos para tingir as madeiras de diferentes côres.

Côr preta. — Poem-se em um caldeirão seis arrateis de aparas de campeche com sufficiente quantidade d'agoa, e mette-se naquelle banho a madeira que se quer tingir, de modo que por todas as faces se ache com elle em contacto: tem-se cuidado se são muitas as peças de as não pôr em pilha. Deixa-se ferver o liquido obra de tres horas e ajunta-se-lhe um arratel de verdete em pó (acetato de cobre), meio arratel de caparroza verde (sulfato de ferro), e quatro onças de galha contusa: tem-se o caldeirão sempre cheio, juntando-se-lhe á medida que diminue, a quantidade necessaria de vinagre de primeira qualidade. Não se pôde determinar bem o tempo que deve durar a operação; basta que se saiba que todos os dias se deve pôr ao fogo e cozer naquelle banho as peças de madeira por espaço de duas para tres horas até ellas se acharem com a côr que se deseja.

Côr azul. — Teem-se a macerar n'uma garrafa em um quartilho d'acido sulfurico, quatro onças d'anil da primeira qualidade partido em miudos pedaços. Em a fermentação começando a manifestar-se, despeja-se tudo em um alguidar, e quando a dissolução dos ingredientes se acha de todo effeituada, lança-se em uma dorna com agoa, põe-se neste banho a madeira, e deixa-se alli até estar bem embebida na tinta.

Advertiremos que antes de metter no banho a madeira, é mister faz-la cozer em

agoa simples para privar-la da seiva que póde ter, e que se deixa ao depois seccar muito bem.

Côr amarella. — Da-se esta côr ao azevinho cozendo-o por espaço de tres horas em um banho composto de quatro arrateis de raiz de berberis reduzida a pó, e quatro onças de curcuma com sufficiente quantidade d'agoa, voltando-o de tempos a tempos. Quando o banho começa a esfriar, junta-se-lhe duas onças d'agoa forte, que faz que a côr seja solida, e termina-se promptamente a operação.

Côr verde. — Com os mesmos ingredientes se tingem de verde as madeiras, porém supprime-se a agoa forte, e em seu lugar junta-se sufficiente quantidade d'anil dissolvido em acido sulfurico.

Côr vermelha. — Tingem-se as madeiras desta côr fazendo-as ferver n'um banho composto de quatro arrateis de páo brazil em pó com sufficiente quantidade d'agoa: no cabo de tres horas de fervura, juntam-se-lhe duas onças de pedra-hume, e outro tanto de agoa forte. Tira-se então do fogo o vaso, e conserva-se algum tempo o liquido a uma branda temperatura até a madeira ter a côr que se deseja.

Côr de purpura. — Tinge-se desta côr as madeiras mettendo-as em um banho feito com dois arrateis de campeche em aparas, e meio arratel de páo brazil em pó com sufficiente quantidade d'agoa: faz-se cozer por espaço de tres horas pelo menos, e juntam-se-lhe seis onças de potassa calcinada ou purificada. Repete-se durante alguns dias a operação, pondo-se a cozer duas ou tres horas até as madeiras tomarem bem a tinta. Não terminaremos sem advertir que a agoa empregada nestes banhos deve ser ligeira e limpida, e fazer escumar prompta e completamente o sabão.

(*Novis. coll. de receitas*).

Receitas para tirar da roupa as diversas nodoas.

As nodoas são ordinariamente produzidas pelas gorduras, oleos, rezinas, acidos, alcalis, pela ourina, e tinta d'escrever, &c.

As nodoas produzidas pelas gorduras ou oleos tiram-se por meio do sabão, ou de agoa carregada d'alcali, quando ellas estão em tecidos, que podem lavar-se; e neste caso póde tambem empregar-se o fel de boi, e a gema d'ovo cozida, e, ainda que com menos utilidade, as terras absorbentes ou aluminosas, como a argilla dos pisoeiros, a greda, a cal estincta, &c. Estas ultimas tem melhor uso quando as nodoas são nas madeiras dos pavimentos, mêsas, &c.

As nodoas produzidas pelas rezinas, e pela cêra tiram-se facilmente com o alcool máis ou menos rectificado.

As nodoas produzidas pelos acidos são mais difficeis de fazer desaparecer, porque estes quasi sempre destroem, e decompõem as côres: assim ainda que algumas vezes as dissoluções de sabão e dos alcalis tornem a fazer apparecer as côres, contudo ordinariamente é preciso tirar novo pello aos tecidos, o que se obtem com os cardos (cardo penteador); e algumas vezes nem assim se consegue o fazer desaparecer estas nodoas.

As nodoas dos alcalis e de ourina podem fazer-se desaparecer por meio dos acidos vegetaes; o vinagre, o sumo de limão, o acido tartarico, o sal d'azedas prestam para isso.

As nodoas dos tecidos de linho produzidas pela tinta d'escrever, tiram-se facilmente por meio do sal d'azedas, ou do acido nítrico enfraquecido. A tinta d'imprensa, como é gorda, precisa ser tratada pelo sabão ordinario ou sabão amoniacal; e depois lavada.

As nodoas de ferrugem tiram-se com o hydro-sulfato de potassa, ou com a dissolução de figado d'enxofre alcalino, lavando por fim em agoa corrente.

As nodoas de tintas a oleo, d'alcatrão, &c, tiram-se por meio do oleo volatil de terebentina; e algumas vezes tambem com o alcool.

A. F. de M. P.

Aerolithes em Traz-os-Montes.

Meteorites, Bolides, aerolithes, ou como n'outro tempo se dizia — pedras de raio, ou

pedras cahidas do Céu; designa-se geralmente por estas denominações—massas mineraes maiores ou menores, que das regiões elevadas da atmosfera se precipitam na superficie da terra com uma reunião assás constante de phenomenos luminosos, e de detonação.

Por muito tempo se obstinaram os sabios, em não acreditar a queda destas pedras da atmosfera, apesar de muitos destes factos haverem sido referidos pelos historiadores desde os tempos mais antigos, desde Plutarco Plinio e Tito-Livio até nossos dias. Ainda em 1772, Lavoisier e dois outros Filósofos, encarregados pela Academia de Sciéncias de Paris, de ir examinar uma aerolithe, que se affirmava ter cahido perto de Mans, sendo recolhida ainda quente pouco depois de sua queda, não viram nella mais que um *gres pyritoso*, que havia sido fulminado por um raio: «os verdadeiros Filósofos, disseram elles, tem sempre olhado como muito duvidosa a existencia destas pedras, que se pretende terem cahido da atmosfera.»

Depois da dissertação do Doutor Chladni em 1794, e das diligencias de M. King em 1796, os Físicos começaram a estudar melhor estes phenomenos, e prestando-lhes toda a attenção que elles reclamam, acabaram por se convencer da verdade, a ponto que hoje, depois dos trabalhos de Bournon, Howard, Vauquelin e outros, é incontrastavel na sciencia, que taes pedras cahem realmente da atmosfera.

A natureza tem por algumas vezes sido surprehendida nestas operações. O proprio M. Biot encontrou uma destas pedras, que com a velocidade da queda se havia mettido na terra. Fizeram-se cathalogs chronologicos dos exemplos de quedas de semelhantes pedras, com a designação dos logares onde cahiram, as datas e testemunhas que provam a verdade do facto, &c., taes são os que organisaram M. M. Chladni e Morogues, o que se lê no systema de chimica do Doutor Thomson, e o que se encontra no 1.º vol. do Diario Filosofico de Edimburgo (1819). Tendo-se colligido grande quantidade destas pedras, collhidas em paizes muito distantes na Europa, na India, &c., a analyse mostrou

em todas os mesmos principios com muito pequenas differenças, sendo tambem os caracteres fisicos os mesmos em todas, ao passo que diversificavam das pedras e terrenos em que haviam sido encontradas. Forçoso foi pois concluir, que todas ellas tinham uma origem commum. Assim, por estas e outras razões, é hoje fóra de toda a duvida.—Que massas petreas, *aerolithes*, se precipitam da atmosfera sobre a superficie da terra.

Que sua queda é sempre acompanhada de um globo luminoso, *Bolide*, que atravessa pelo ar com grande velocidade.

Que quando isto tem lugar, uma detonação mui forte se faz ouvir, e é immediatamente seguida de um zunido semelhante ao de uma pedra despedida da funda, mas em ponto muito maior; e logo depois, a queda de uma ou mais pedras sobre a terra.

Que este meteorito não tem cousa alguma de commum com as tempestades, por isso que quasi sempre tem lugar por um tempo claro e sereno.

Os meteorites podem hoje ser divididos em tres especies, a saber:—*M. ducteis* (ferro meteorico); são massas de ferro metalico e maleavel, ordinariamente de grande volume, que se encontram na Siberia, no Senegal, no Cabo de Boa-Esperança, no Brazil, &c.—*M. carbonosos*; massas de carvão impuro, reunido com alguns metaes: são ainda muito raros, e bem averiguado apenas temos um exemplo, á poucos annos succedido perto de Alais no departamento de Gard em França, o qual foi analysado por M. Thenard.—*M. granulares*, ou propriamente aerolithes; são os meios frequentes, e unicos de que aqui nos occuparemos agora.

Os meteorites granulares, ou aerolithes apresentam-se debaixo da fôrma de massas poliedricas irregulares, com os angulos ou aristas arredondadas, e toda a superficie coberta de uma especie de verniz negro e luzedio de pequena espessura, aspera ao tacto, e semelhante uma materia fundida. O interior ordinariamente de cor cinzenta mais ou menos carregada, e manchada algumas vezes pela ferrugem, offerece uma textura granulosa, e mostra mais ou menos claramente grãos de ferro metalico, de ferro sul-

furado, dissiminado, e globulos escuros ou negros bastante frageis. A analyse chimica tem reconhecido nelles a silica, e o ferro no estado metalico, d'oxido, e de sulfureto, entrando estas duas substancias na proporção de dois terços ou mais da massa total: além destas, a magnezia, a cal, alumina, o enxofre, o chromio, e o nickel no estado metalico, ou de oxido. A grandeza, e o pezo são muito variaveis.

Entre os exemplares mais celebres desta especie de meteorites, citaremos o de Laigle em a Normandia, o qual fixou definitivamente a opinião dos sabios Francezes sobre este assumpto; o de Benares na India, que contribuiu a convencer os Inglezes. De todos porém o mais assombroso pelo seu volume, é o que cahio em França no departamento de Ardeche no dia 15 de Junho de 1821: foi annunciado por uma detonação que durou 20 minutos, e se ouviu a mais de 10 legoas de distancia; enterrou-se no solo a 5 pés de profundidade, e pezava 184 arrateis. Outro de 10 arrateis cahio em 1824 perto de Bolonha na Italia.

Em Portugal não sabemos senão de duas aerolithes: aquella cuja menção encontrámos na lista dada por Thomson, e se refere ao anno de 1792; e esta que agora vamos descrever, e da qual possuímos duas pedras na nossa colleção mineralogica dos productos naturaes deste Districto. Uma devida á obsequiosa cessão do digno Par do Reino, o Ex.^{mo} Sr. Antonio José de Miranda; outra ás deligencias do Sr. Lazaro Luiz de Miranda, residente perto das localidades onde succedeo o phenomeno, e que teve a honrade de nos communicar a narração das circumstancias que o acompanharam.

Appareceo este meteorite junto da aldêa de Picôte, Concelho de Miranda, e proximo á raia d' Hespanha, nos fins de Setembro de 1843, pelas duas horas da tarde, em um dia de muito calor claro e sem nuvens. Ouvio-se um estrondo ou detonação semelhante ao de um grande trovão, e nada mais se vio no ar, senão uma nuvemzinha ou poeira pouco espessa, seguindo até á terra pelo trajecto que haviam feito as aerolithes. Destas cahiram tres no nosso territorio, e pa-

rece que algumas outras em Hespanha. A banda de terra onde isto teve lugar seria da largura de um quarto de legoa, e comprimento de legoa. São estes os unicos esclarecimentos que se poderam obter das pessoas que presencaram o phenomeno, estando muitas nos campos, e cahindo até uma das aerolithes perto de uma mulher que andava lavrando.

As duas aerolithes tem uma fórma assaz regular: a maior é uma piramide triangular truncada; a menor é a quarta parte de uma esfera, ou como um dos solidos produzidos pela secção de dois planos perpendiculares, passando pelo centro da esfera. Mas em uma e outra os angulos ou arestas são rombos, e como boleados. Destas duas aerolithes uma pouco excede o volume de uma laranja; a outra é alguma cousa menor: a primeira tem de pezo absoluto — 2 arrateis 7 onças e 2 oitavas: pezo especifico — 3, 45. A segunda tem de pezo absoluto — 15 onças 3 oitavas: pezo especifico — 3, 61.

Uma e outra é exteriormente coberta por uma capa escura, áspera ao tacto, e algum tanto lustrosa semelhando verniz, da espessura de meia linha pouco mais ou menos, e semeada aqui e acolá de grãos de ferro maiores ou menores, maleaveis e brilhantes.

Qualquer destas aerolithes cede com facilidade ao choque do martello, mas não é friavel, nem esborôa com a impressão da unha; e risca o vidro.

A textura interior é granulosa, e muito áspera ao tacto, como a de alguns grés: cor cinzenta pouco carregada, com pequenas nodos de ferrugem nas partes expostas ao ar.

Todo o interior é semeado de pequenas particulas de ferro metalico, ferro oxidado, e ferro pyritoso, aquellas brancas, estas amarellas; algumas só vesiveis ao microscopio, outras ao olho nu, e semelhando no tamanho grãos de arêa de finteiro, e outras maiores, mas nunca como os da superficie ou capa exterior.

Pequenos fragmentos expostos á acção do maçarico, resistiram á fuzão, e tornaram-se negros emitando a cruza exterior das aerolithes.

A Resta-nos fallar da causa e origem das aerolithes. Neste ponto a sciencia não possui ainda hoje senão meras explicações, qualificadas como hypothèses pela reserva e modestia, que caracterisam a época brilhante em que vivemos.

Tem estes corpos sido attribuidos aos vulcões terrestres. — Mas a distancia immensa a que ficam os vulcões de alguns logares onde tem apparecido as aerolithes, e por outro lado a não existencia de semelhantes pedras entre as conhecidas produções vulcanicas, tornam esta opinião insustentavel.

Outros tem supposto, que as aerolithes eram lançadas pelos vulcões da lua. — Esta hypothese não é fundada sobre alguma observação que a torne provavel, e oppõe-se mesmo á sua possibilidade os meteoros, que acompanham a queda destas pedras, e a grande velocidade, e direcção do movimento quasi horizontal das mesmas.

Tambem se tem attribuido a formação das aerolithes á condensação de materias volateis, que fluctuam na atmosfera. Ou finalmente, á materia etherea, que espalhada primitivamente em toda a immensidade do espaço, tivesse por seus diversos grãos de condensação dado nascimento ás nebulosas, ás estrellas, aos soes, aos cometas, aos planetas, aos satellites, e a essa infinidade de Bolides, que parece errarem no universo, cahindo algumas vezes na superficie da terra. — Estas duas ultimas opiniões nos parecem mais provaveis, ou ao menos, de todas as emittidas até hoje, sem duvida as mais amplas e racionais no estado presente das sciencias cosmogonicas.

Repetimos porém, que estas explicações as não temos senão como hypothèses, e que estamos longe de lhe attribuir um alto grão de probabilidade, e menos certeza, que no estado actual de nossos conhecimentos não poderia deixar de ser prematuro. (*)

A. F. de M. P.

(*) Aquelles de nossos leitores, que desejarem mais amplos detalhes sobre este objecto podem consultar as obras de M. M. Chladni, Bigot de Morogues, Marcel de Serre, a Lithologia atmospherica de M. Izard, os Dicionarios de Hist. Nat. e o tratado de Mineralogia de Haüy.

O CANTARO D'AGOA.

CHRONICA DO SECULO XIV.

CAPITULO IV.

O MENSAGEIRO.

«..... mas não se espanta,
« Que menos é querer matar o irmão,
« Quem contra o Rei, e patria se levanta.»
CAMÕES — LUSTADAS.

E como castigou Mecia Vasques o pagem tão ousado?...

Por cada beijo seu, deu-lhe mil beijos. . .
Affastando com as mãos, trémulas de gozo,
os seus louros cabellos, longos, e anelados,
com o mais terno sorrir entre-abre os beijos,
que vão colar-se n'alva testa desse infante,
fermoso transumpto della.

« Meu filho!! »
Assim disse suffocada; e outra vez o beijou
com carinho de mãe.

Era seu filho Alvaro Gonçalves de Atayde que apertava ao seio. Era seu filho maior que, tendo cumprido doze annos, entrara naquelle dia tão solemne, no exercicio das funcções de pagem de sua nobre senhora, e mãe; como era d'uso naquelles tempos.

Fizera injuria á natureza se tentasse esquecer a santidade desse amor; a doçura desses beijos; o amargo prazer dessas lagrimas que a furto, mão grado seu, correm de seus olhos. Era mãe!!... Quem ha hi que não conheça a divina poesia desse nome sacro-santo?! Bem infeliz é por certo aquelle que não foi alvo desses beijos; aquelle que não sentio humedecer suas faces com essas lagrimas puras, e celestes; aquelle que não foi idolo desse culto, dessa religião, que revela a todos os seres a sua eterna santidade, e origem!!... Bem mais infeliz ainda aquelle que perdeu esse anjo de sua guarda, — uma estremosa mãe, — apóz have-la conhecido!!

« Minha mãe! »
Respondeu o fermoso Alvaro Gonçalves,
beijando-lhe as mãos com respeito religioso.
Fôra o echo de seu coração innocente que

repercutira naquellas palavras tão simples, as que sua mãe havia proferido: se não foram as mesmas, quanto à forma articulada, é porque o coração não formou vocabulos, exprime sentimentos.

A expressão da fisionomia de Mecia Vasques era a sublime epopeia do amor materno. Via seu filho tão querido encetar essa carreira aventureira da vida de cavalleiro, que pelo mister de pagem começava!... E n'um pensamento só, todas as fazes da vida se lhe ante-olharam; ora em brilhante panorama; ora em lugubre quadro, o mais terrível!!... Via desabrochar vaidosa essa flôr tão querida, criada no seu seio; quizera abriga-la dentro d'elle, contra os rijos tufões da guerra civil, a que a via exposta...

E chorára... porque era mãe...

Como é pobre a linguagem do homem! As mais rapidas scenas do coração mal póde diffini-las em longos discursos; e nesses, a mais subida poesia, é reflexo imperfeito; apenas traça incompleto perfil, que desaparece na bulhçosa superficie desse lago, tão turvo, chamado *existencial*!...

Quem visse o mudo olhar de Martim Gonçalves de Atayde, julgaria que sua alma impassiva não comprehendera aquella mystica linguagem, que expressava na mais singela das frases, o mais eloquente discurso do coração... Julgaria que seu peito endurecido nos combates, sob o pêzo da armadura, era incapaz de reflectir o echo mavioso do somido desses beijos, dados por um anjo nas faces de um cherubim... Julgaria que era incapaz de conhecer a doçura, e força magnetica desse apertar ao seio de uma mãe, um filho mui querido... Julgaria incapaz de avaliar a amargura dessas lagrimas, que em seus prismas reverberam a mysteriosa imagem do esposo idolatrado; e que, em cada uma das feições desse mimoso fructo dos mais ternos amores, refrangem paraizos de delicias, infernos de cuidados.

Mas quem assim avaliara Martim Gonçalves, injustiça mui grave lhe faria.

De todos os sacrificios o maior é aquelle que obriga o homem a occultar, debaixo do espesso véo da *indifferença*, os mais que-

ridos sentimentos de sua alma! Oh!... se elle podera dizer o que sentira naquelle momento de ventura inefavel, e martyrio cruelissimo!...

Pundonor social!... Abstrusas leis de convenção desses homens frios, e desalmados chamados *estadistas*!!...

Por que condemnaes vós, como rebeldes, esses gritos do coração?! Porque os suffocaes vós com essa mordança a que destes o nome de *heroismo*!? Para que chamar *virtude* a essa força que algêma as leis da natureza?! Para que exigis que um pai amante se envergonhe de misturar suas lagrimas com as lagrimas de uma esposa e mãe estremezissima?!

Como se a alma do homem fosse de outra tèmpera!!... Como se Deos imprimira cunhos differentes nas almas do homem, e da mulher!!... Como se não foram ambas ellas vazadas no mesmo molde!!... Como se ambas ellas não tivessem o mesmo sellô eterno, gravado por Deus, com estas letras indeleveis — *amor*!!... —

« Maldição!!... »

Esta palavra, horrível côro dos condemnados a martyrio eterno, fôra a genuina traducção desse apparente, impassivo olhar de Martim Gonçalves de Atayde. Elle bem comprehendera todo o gôzo, e tortura de Mecia Vasques, ao beijar seu lindo filho, e travêso pagem Alvaro Gonçalves; mas não podia dizer-lhe diante de tantos estranhos — *Eu amo como tu amas... Soffro como tu soffres... E soffro ainda mais, porque sou obrigado a mostrar rosto indifferente; sou forçado a devorar as minhas lagrimas*!!... —

As palavras do orador fixa-as a stenographia; o daguerrotypo estampa a imagem dos objectos a que se applica; porém como fixar os mais reconditos pensamentos do homem?!... Como estampar a imagem dessas dores, e prazeres occultos no coração?!... A stenographia desses pensamentos; o daguerrotypo dessas dores, e prazeres — é a poesia. —

Já Mecia Vasques, dominando a emoção que a commovera, se havia erguido de sua almofada; suas fermosas donzellas, e seus nobres convidados a seguiam para a sala

do banquete. A todos precedia o pagem, que viera anunciar estava a mēsa servida; e o Alcaide mór, Martim Gonçalves, ao lado da porta por onde haviam de sahir, os aguardava, para lhes ceder o passo; como a esmerado cortezão cumpria.

O prolongado som de uma trombeta de guerra, tocada no alto da torre do castello, pelo atalaia de serviço, retumbou na sala; e fez parar Mecia Vasques, e todos os demais, no momento em que ella hia transpor o limiar da porta que dava sahida para a sala do festim.

Silenciosos todos, olharam uns para os outros. Havia naquelle silencio, naquelle olhar, mysterios infinitos!!... Mecia Vasques, só vio o esposo, e filho... cuidara ouvir o terrivel som da trombeta do sepulcro... e o coração comprimio-se-lhe com receio que viesse chamar a juizo algum desses entes tão caros a sua alma. Violante da Silveira encontrou o meigo olhar de Garcia Pereira, que parecia dizer-lhe, agradecendo aquelle movimento della involuntario — *Não receies... meu amor me dará talisman de força invencivel.*... — E Mafalda Gomez Sarmiento?... Olhou para todos, como se, partido o coração, quizesse buscar a metade que lhe faltava... não estava allí!!... e estremeceo, ao pensar que estaria no campo contrario!!... Quem sabe?!...

Vasco de Seixas rangeu de raiva os dentes; porque em vão esperára um terno olhar de interesse de Violante da Silveira; porque vio fixar nos olhos della os olhos de Garcia Pereira, seu odioso rival em tudo; porque o ciume lhe deo a verdadeira significação daquelle olhar, dizendo-lhe — *amam-se.* —

«Meu pai!! que tanger é este?!...»

Perguntou o pequeno pagem a seu pai Martim Gonçalves d'Atayde.

— Aviso de cavalleiro que se approxima das portas da Vedoria. — Respondeo o Alcaide mór.

«E amigo? ou...» quizera dizer *inimigo*, mas não acabára, Mecia Vasques, sua pergunta.

O som distante de outra trombeta pareceu quiz responder-lhe, em som mui brando, mas distincto.

Mafalda Gomez Sarmiento ergueu seus lindos olhos castanhos como se acordara d'improviso de longo, e penoso dormir. Ella parecia aspirar aquelle som, como se fora branda aragem, que em dia de ca'moso estio lhe trouxera suaves perfumes de aromas rescendentes. E porque?... Ella não ousára dize-lo... Um ligeiro rubor tingio suas faces descoradas; o coração batia-lhe apressadissimo... E certo nelle havia uma corda que respondia áquelle som tão meigo, e triste. Como explicar de outra fôrma o que dentro delle se passára?!

Martim Gonçalves percebêra o tanger da trombeta que, pela distancia, e qualidade, ou inflexão das notas, parecia vir de fóra das muralhas; e respondeo assim á interrompida pergunta de sua esposa.

«É o tanger de mensageiro do Mestre d'Aviz, que pede entrada no castello; os corredores todos recolheram, como lhes havia ordenado; nenhum de nossos homens d'armas está fóra das muralhas.»

— Em breve saberemos quem é, e a quem — tornou Vasco de Seixas.

«E tendes vós, senhor D. Vasco, bem adestrados vossos soldados, ácerca do que é mister fazer com mensageiros?...» perguntou o Alcaide mór a D. Vasco.

— Todos elles são, como eu, soldados veteranos; podeis estar descansado quanto ás cautelas, e cortezia que com elles deve uzar-se; a nada se faltará... ao menos por minha parte, e pela dos cavalleiros, e soldados de Orense... —

«Quanto a cautelas, podemos estar seguros da parte de D. Vasco» interrompeu Garcia Pereira; aludindo á precaução que este havia tido, de mandar guarnecer de novo as portas da Vedoria, que lhe estavam a cargo; e que, no capitulo antecedente, nós vimos tinha dado motivo a um principio de pendencia entre o fidalgo galego, e o portuguez.

— Em boa hora venha o mensageiro do Mestre d'Aviz! «Creio porém que nem por isso devemos deixar arrefecer a comida» disse Mecia Vasques, receosa de que as palavras, ao parecer, cortezes de Garcia Pereira, dessem logar a scenas violentas entre

elle e D. Vasco Gomez de Seixas, que ella sabia rivaes.

— Tendes razão, nobre senhora; disse Gileanes da Silveira: não devem bellas damas, como vós, aguardar mensagens de cavalleiros; seria confessar-lhes vassalagem; quando só a vós ella se deve; segundo as leis da muito nobre cavallaria. —

«E, que espere o mensageiro!» altivo disse D. Vasco.

— Com a devida licença destas bellas, e nobres damas, ouvi-lo-hemos ante ellas na sala do banquete — tornou Martim Gonçalves. E com o gesto convidou sua linda esposa a que sahisse o limiar da porta em que esta scena rapida se passára. Se longa tem parecido, é culpa da lingoagem do historiadôr, que não pôde, ou não sabe, traçar tão velozmente as scenas velocissimas do movimento, e vida das paixões, como se ellas passam no mundo real.

D. Mecia transpoz o limiar da porta; e seguida por todos entrou na sala em que a mēsa estava disposta, coberta d'iguarias, que fumegavam, espalhando um cheiro capaz de fazer perder o jejum ao cenobita mais austero; capaz de excitar o apetite ao paladar mais estragado.

Quantas castas de peixes produzem, e se pescam nas costas do norte de Portugal, e Galiza; quantas se criam nas doces agoas de seus rios, todas ellas cozinhadas por mil maneiras differentes, guarneciam a lauta mēsa do Alcaide mór de Chaves, Martim Gonçalves de Atayde, na vespera do Natal de 1385. As especiarias do oriente, tão vulgares em nossos dias, depois da portentosa descoberta de Vasco da Gama, que abriu as portas *desses mares nunca d'antes navegados*; essas especiarias tão raras, e então carissimas, traficadas pelos Venesianos aos demais povos da Europa, que da mão delles as compravam a pēzo de ouro, temperavam essas iguarias delicadas, e não deixavam lembrar que era dia de jejum; fazeudo a mais perfeita antithese da penitencia, que a igreja quiz impor em certos dias, obrigando os fieis á abstinencia das carnes. Um requintê de sensualidade interpretou esse preceito, abstando-se das carnes, mas usando

de toda a casta de iguarias que o não fossem. Ninguém então faltaria a esse preceito; como ninguem teria escrupulo de gastar sommas immensas, para nesses dias de abstinencia ter os pescados mais exquisitos, comprados a pēzo de ouro! Assim torce o homem em seu proveito as leis mais simples! . . . Até da penitencia faz regalo! . . .

Nos aparadores luziam taças d'ouro, e prata, perfeitamente cizeladas, ao lado de copas riquissimas, algumas das quaes eram cravadas de pedras preciozas.

Fermozos pagens, ricamente vestidos, com as côres de Mecia Vasques — roxo, e ouro — offereceram agoa ás mãos aos convidados. Um delles pegava na bacia; outro no gomil; outro na toalha; bacia, e gomil d'ouro; toalha de finissima bretanha, com rendas de Bruxellas. O pagem da toalha, era Alvaro Gonçalves; os da bacia, e gomil eram Diogo Gomez Sarmento, irmão de Mafalda Gomez; e Francisco da Silveira, primo de Violante, e sobrinho de Gileanes, filho de seu irmão mais moço, Lourenço da Silveira, já fallecido.

Varios moços da câmara, e gentis-homens da casa e serviço de Martim Gonçalves, serviam á mēsa, atraz dos cavalleiros; os pagens serviam as damas, tambem de pé, atraz delias; por esta fôrma, Alvaro Gonçalves atraz da cadeira de espaldas de Mecia Vasques, sua mãe; Francisco da Silveira atraz do tamborête de Mafalda Gomez; e Diogo Gomez atraz do de Violante da Silveira. Ficava a cadeira de Mecia Vasques no tôpo da mēsa; á sua direita Mafalda Gomez; e á esquerda, Violante da Silveira.

No extremo opposto, Martim Gonçalves d'Atayde, em cadeira de espaldas, tem á sua direita Vasco de Seixas; á esquerda Gileanes da Silveira, em cadeiras iguaes; Garcia Pereira, e os demais convidados, em cadeiras razas, aos dois lados da mēsa por tal arte que, Violante da Silveira ficou ao pé de Garcia Pereira, tendo-o á sua esquerda.

Eram doze os convivas; as três damas, o Alcaide mór, D. Vasco, Gileanes, e Garcia Pereira; os outros eram, dois fidalgos castelhanos, de socorro vindos com D. Vas-

co; e tres fidalgos portuguezes, ao serviço de Martim Gonçalves, como elle ligados á causa de D. Beatriz, filha de D. Fernando I. de Portugal. O mestre sala do Alcaide mór a todos tinha designado seus logares, conforme a cathegoria de cada um, e segundo as instrucções préviamente recebidas de seu amo.

Todos de pé aguardavam que os donos da casa se assentassem, quando na sala entrou um velho venerando.

Longas barbas, intonsas, lhe pendiam alvas até á cinta; raros cabellos lhe guarneciam a cabeça calva; e esses poucos cabellos eram brancos como as neves do Larouco. As faces macilentas estavam descarnadas pela penitencia: os olhos, encovados em suas orbitas azuladas pelas vigílias, tinham um fulgor amortecido; como o de uma lampada quasi extincta. Uma longa tunica de burel escuro, cingida por nodoso cordão de esparto, o cobria desde o pescoço até aos pés; que trazia nus, calçados de umas sandalias de cordel grosseiro. As mãos cruzadas no peito, estavam occultas dentro de suas largas mangas, pendentes como as dos frades do Seraphico Padre Sam Francisco, de que era filho.

Ao entrar na sala ergueo os olhos; todos se curvaram ante sua veneravel presença; e elle tirando as mãos de dentro de suas mangas, fez com a direita o signal da redempção, abençoando-os; e logo após entoou o *Benedicite*, benzendo a mēsa. E todos os convidados, e assistentes acompanharam em voz baixa a fervorosa oração do sacerdote do Senhor.

Essas nobres damas tão fermozas; esses illustres cavalleiros esforçados, tão cheios de orgulho por seus braços, tão ciosos de seus timbres, todos se humilharam ante o pobre monge; ante o ermita da capella de S. João Baptista da veiga de Chaves; ante o humilde Fr. Francisco da Soledade, que fazia as vezes de capellão do muito poderoso Alcaide mór de Chaves, Martim Gonçalves de Atayde.

Muitos annos ha que vivia, como cenobita do deserto, nas ruínas do desmoronado mosteiro da veiga de Chaves, que em tempos d'Elrei D. Diniz, pertencēra á extin-

cta ordem dos Templarios. Daquelle antigo edificio só a capella existia ainda; conservada pela piedade dos fieis, e agora mais venerada pelo assiduo disvello de Fr. Francisco da Soledade, que de seus superiores alcançara licença para como ermitão viver junto della, no exercicio da mais austera penitencia, e na pratica de todas as virtudes christãs.

Sem deixar a sua humilde cella do convento demolido, servia de capellão ao Alcaide mór de Chaves, vindo dizer missa á igreja maior da fortaleza, e voltando logo depois á sua ermida. Como alheio ás cousas cá da terra, tratava do negocio augusto da salvação, não perdendo ensejo de ser util; e nessa ideia aceitara o officio de capellão do Alcaide mór, com a condição de viver nas ruínas do mosteiro; o que Martim Gonçalves lhe concedēra, exceptuando-o, a elle sómente, da lei que impozera ácerca da absoluta prohibição de sahida, ou entrada, durante o cerco que hia começar. Bem certo estava que o Mestre d'Aviz respeitaria em Fr. Francisco da Soledade, o santo ermita da capella de S. João Baptista, permittindo-lhe a livre entrada, e sahida da praça, como incapaz de traição, ou aleivozia.

Acabada a benção da mēsa, sahio outra vez o veneravel Fr. Francisco da Soledade, após haver lançado benção paternal da despedida.

Mas antes de sahir, os seus olhos amortecidos se encontraram com os de Martim Gonçalves, que como por um instincto de remorso os procuravam. E havia tal piedade, uma unção tão evangelica naquella vista já caçada! . . . Havia entre elle, e Martim Gonçalves uma afinidade tão mystica . . . a do penitente, e confessor . . . que o rosto do Alcaide mór se anuviou, como se terriveis ideias recordasse. . . E eram bem terriveis essas ideias, essas palayras que elle lēra escriptas naquelle triste, e rapido olhar do mensageiro do Altissimo. . . Recordara seus piedosos conselhos, e saudaveis exhortações, ácerca daquella guerra fratrecida em que estava empenhado . . . guerra em que tinha a combater contra tudo quanto ha de mais sagrado para o homem . . . amigos, parentes,

irmãos, patria, é soberano!!... Hia talvez derramar esse sangue precioso!!... E vio ante elle, no extremo opposto, a sua fermosa esposa, e lindo filho, que o contemplavam com respeito, e amor... E estre-meceo pensando que aquella seria sua derradeira *consoada*!!... E só via ante elle uma viuva desconsolada... e um orfão sem arrimo...

O ranger dos gonzos da porta que se fechára, depois de dar sahida ao capellão do castello, foi o signal para todos se assentarem.

Mecia Vasques fazia as honras da mēsa com aquella urbanidade e cortezania propria de sua elevada educação, e jerarchia: o seu rosto era afavel, suas maneiras faceis, e cortezes para todos, esmerando-se em ter a todos contentes; mas sua alma não o estava: o sorriso de seus labios queimava-lhe o coração. Em meio do banquete, cercada de suas mais caras afeições, havia uma ideia fixa que a perseguia — a guerra — E o cerco com todas as suas terriveis scenas... E seus parentes... e seu irmão, o Alcaide mór de Trancozo, troncando lançadas com seu esposo!!...

O homem pobre que visse aquella mēsa coberta de iguarias, invejaria a dita de assentar-se a ella; mas se conhecesse as dôres d'alma desses convidados... se soubesse o gosto amargo desses manjares... antes quizera o tóso pão de aveia, ou de cevada; e achára mimo precioso essa fatia de centeio, que come em paz, cercado de seus filhinhos!...

Os compassados passos de homens d'armas retumbaram nas lages do pavimento das salas anteriores á do banquete. O mestre sala foi espera-los, e voltando outra vez, depois de indagar quem eram, em voz alta disse:

«O mensageiro do Mestre de Aviz!»

— Que entre... — disse com voz solemne o Alcaide mór de Chaves.

E um guerreiro coberto d'armas alionadas, entrou na sala do festim.

Um grito mal contido, sahio do coração de uma das damas...

Quem soltou esse grito?!... E porque motivo?!

E quem era o mensageiro do Mestre de Aviz?!

(Continuar-se-ha).

I. P. de M. S.

VARIEDADES.

Nobre e valorosa resposta de Affonso d'Albuquerque.

Chegado Affonso d'Albuquerque com a sua armada diante de Ormuz, ficaram os Capitães mui temerosos, por verem a Cidade tão bem apercebida por mar e terra, e com forças incomparavelmente superiores; de maneira que por grande temeridade tinham o commette-la. Affonso d'Albuquerque porém, julgando que já não era occasião para voltar atraz, os chamou a conselho, perguntando-lhes — não se faria o commettimento, porém sim como o faria. — Decidido que primeiro tivessem falla do Rei para saberem sua determinação, e trocadas algumas embaixadas, uma que Affonso d'Albuquerque enviou ao Rei pelos Embaixadores deste, foi mui estranhada dos Capitães; e disseram-lhe algumas cousas á maneira de o quererem reprehender de responder tão aspero ao Rei, em tempo que era necessario ter com elle muitos cumprimentos. Affonso d'Albuquerque porém com aquelle animo invencivel, que o caracterisava, lhes tornou: — *Eu, Srs., não sou homem para acabar um feito tão grande, como este, com dissimulações e moralidades; mas como cavalleiro, e grande Capitão executar as obrigações de meu Regimento, como por El Rei Nosso Senhor me é mandado, e por isso a fortuna se poderá acostar á qualquer parte que quizer; mas eu espero na Paixão de Jesus Christo, em que tenho toda minha confiança, de quebrar a cabeça a estes Mouros, e fazer a seu Rei tributario d'El Rei Nosso Senhor, ou me hão de levar a cabeça nas mãos; e este é o melhor, e mais são conselho, que em tal caso, e tempo podemos tomar, pois estamos em logar, que se não*

póde fazer outra cousa, e cada um se vá para a sua não fazer prestes; e ouvindo um tiro de bombardas, acuda, e faça o que me vir fazer. — Assim o disse, e mostrou que não era homem só para o dizer; porque, alguns dias depois, tremolava a bandeira das quinças nos Paços do Rei d'Ormuz, e este havia sido obrigado a reconhecer-se t udatario d'ElRei de Portugal.

*Comment. do Grande Affons.
d'Alboq. P. 1. Cap. 29.*

Uma aventura desastrada.

Certo Francez, M. Thierry, quiz fundar um Reino independente na Nova-Zelandia, e na falta de protecção das potencias Europeas apoiou-se em algumas tribus indigenas, para atrair as quaes lhes prometteo mil fortunas. Estas gentes simples acreditaram por algum tempo nas suas promessas; mas a final, fatigados de esperar, e não vendo realisar o promettido, decidiram descartar-se de seu soberano, acto este que consummaram com horrivel solemnidade. Foram convocados todos os chefes grandes e pequenos, e reunidos á mesma mēsa, se banquetearam com o cadaver de M. Thierry. Este fim deploravel, diz L'Illustration de Paris, é certificado por muitas cartas, e pela narração de viajantes, que houveram o conhecimento deste successo, de alguns dos convivas de semelhante banquete.

Synopse da Legislação do segundo semestre de 1845.

Decreto de 3 de Setembro, approvando a alteração dos Artigos 10.º e 12.º dos Estatutos das Caixas Economicas fundados pela Companhia Confiança Nacional. — (*Diario do Governo de 8 de Setembro*).

Decreto de 3 de Setembro, approvando o Regulamento para a arrecadação e fiscalisação do Imposto do sal. — (*Diario do Governo de 9 de Setembro*).

Portaria de 9 de Setembro, declarando que não é o Tribunal do Conselho Fiscal de Contas o unico competente para relaxar ao juizo contencioso os alcances contractados com a Fazenda Publica pelos diversos exactores e contractadores da mesma Fazenda, mas tambem as Repartições e Authoridades que anteriormente ao estabelecimento do referido Tribunal eram competentes, para esse fim. — (*Diario do Governo de 10 de Setembro*).

Decreto de 13 de Setembro, contendo a organisação

do serviço central do Ministerio da Fazenda. — (*Diario do Governo de 18 de Setembro*).

Decreto de 4 de Julho, approvando os Estatutos da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense. — (*Diario do Governo de 19 de Setembro*).

Decreto de 25 d'Agosto, com o regulamento dos vencimentos que competem, em diferentes casos, aos Juizes de Direito e a seus substitutos nos Tribunaes de 1.ª Instancia, e aos Magistrados dos Tribunaes superiores, e aos membros do Ministerio Publico em uns e outros Tribunaes. — (*Diario do Governo de 23 de Setembro*).

Portaria de 22 de Setembro, em que se declarou, que os Administradores dos Concelhos, por isso que substituíram os extinctos Provedores, devem providenciar sobre a policia e serviço dos Açougues ou por elles ou por seus Delegados, inclusivamente pelos Regedores de Parochia, não obstante pertencer aos Juizes Eleitos o julgamento das infracções das Posturas Municipaes, e aos outros Empregados Municipaes cumulativamente vigiar sobre a observancia das mesmas Posturas.

Decreto de 30 d'Agosto, em que se estabelecem as regras que devem seguir-se por occasião das Licenças, sem as quaes os Magistrados Judiciaes e do Ministerio Publico, e todos os Empregados de Justiça não podem ausentar-se dos seus logares. — (*Diario do Governo de 24 de Setembro*).

Portaria de 30 de Setembro, sobre o mesmo objecto. — (*Diario do Governo de 2 d'Outubro*).

Decreto de 25 de Setembro, com a demissão de um Professor do Ensino Primario, por ter commettido o escandaloso abuso de exigir de seus discipulos um subsidio mensal.

Portaria de 6 d'Outubro, indeferindo a pertença do Parocho da Freguezia de Santo André da Varzea de Ovelhas, de que se renovasse o arbitramento da sua congrua, e se taxasse outra para um coadjutor, visto que a Lei de 8 de Novembro se oppõe a tal renovação — que a diminuição do rendimento dos generos, se fosse argumento, só o poderia ser para provocar uma providencia geral, e nunca uma excepção — e que o trabalho acrescido pela annexação d'outra Freguezia não peza sobre o Parocho, mas sobre o coadjutor, que tem congrua arbitrada.

Portaria da mesma data, mandando declarar á Junta das congruas parochiaes do Concelho de Ponte de Lima, que as attribuições della são unicamente as marcadas na Lei de 8 de Novembro de 1841 — que em consequencia dessa Lei não podem ser alterados os arbitramentos anteriores — que as suas attribuições se limitam presentemente a proceder no mez de Julho de cada anno á derrama já considerada necessaria para prefazer a congrua arbitrada nos termos da dita Lei — e que se devem guardar as solemnidades legais.

Portaria da mesma data, estranhando ao Vigario geral do Bispado de Portalegre, por mandar expedir alvará de dispensa de banhos para casamento, sem previo consentimento do tutor, nem suprimento do competente Juiz de Direito. — [*Diario do Governo de 7 d'Outubro*].

Portaria de 3 d'Outubro, a ordenar que as Authoridades Administrativas, prestem com a devida brevidade quaesquer esclarecimentos que lhes forem exigidos pelas Authoridades militares, sobre o preço dos generos. — [*Diario do Governo de 8 d'Outubro*].

Portaria de 16 d'Outubro, declarando que os Juizes de Direito não devem intervir nas informações sobre crimes commettidos pelos Juizes Eleitos, de Paz, e dos Juizes Ordinarios, para não ficarem prevenidos como julgadores que podem ser dos accusados.

Portaria de 14 d'Outubro, declarando feriado somente os Domingos, no que respeita ao serviço das Alfandegas. — [*Diario do Governo de 13 d'Outubro*].